Cirandas Infantís

(CONTINUAÇÃO)

MARTINZ DE AGUIAR

D. CÂIDA

—Senhora D. Cãida,
coberta de ouro e prata,
descubra o seu rosto:
queremos ver-lhe a cara!

—Que anjos são êstes,
que andam guerreando,
de noite e de dia?
Padre nosso!... Ave, Maria!...

—Somos filhas do rei,
somos netas da raínha:
sr. reis mandou dizer
que escondesse a pedrinha!

Variantes: *D. Cándida, Cándia. Descubra seu rosto. Que queremos ver a cara, ver-lhe a cara, ver sua cara; que queremos ver. Que homens são êsses?. Que andam passeando, caminhando. E' de noite, é de dia. Filhos. E netas da raínha, netos. Sr. rei. Que escondesse uma pedrinha, umas pedrinhas; que (se) escondesse na pedrinha, escondessem.*— O verso predominante nas duas primeiras estrofes da ciranda é o de seis sílabas, para obter as quais pronunciam as crianças *descubra o*, em quatro sílabas, e *quê andam* e *guerrean(do)*, em três. No primeiro verso da segunda quadra, conquanto pronunciem *quê anjos*, não conseguem mais de cinco sílabas. Então, demoram consideràvelmente a voz na sílaba tónica de *anjos*, obtendo assim a cadéncia musical. O mes-

entrou, que viu o pai doente, etc. Todos êsses casos estão perfeitamente explicados no REPASSE, segunda edição, que espero publicar em breve. — *E' de noite, é de dia.* Sintaxe correta. O sujeito é *isto,* o fato de guerrear, passear ou caminhar.—*Que escondesse na pedrinha.* Sem o objeto direto *se,* que vem numa variante. Esta sintaxe já está registada na literatura clássica e é hoje em dia ordinaríssima, literária, familiar ou popularmente, no Brasil e em Portugal: *o comércio fechou, a loja abriu, a moça casou, o rapaz embarcou,* etc. Começou a simplificação pelos verbos pronominais, estendendo-se depois aos que assumiam aspecto pronominal, e, conquanto mais frequente com a terceira pessoa, atinge às vezes as duas outras. (1)

A BORBOLETA

Borboleta dos amores,
saia fora do rosal,
venha ouvir um belo canto
nesta noite de Natal.

Eu sou linda borboleta,
verde, da cor da esperança,

---

(1)—«As arvores estalavam; arrancadas do seio da terra ou partidas pelo tronco, prostravam-se vencidas sobre o gigante, que, carregando-as ao hombro, *precipitava* para o oceano.»—José de Alencar: «O Guarany», 2.ª ed., vol. II, pg. 318; Garnier, Rio, s. d.

O Sr. Sousa da Silveira, um dos maiores filólogos e glotólogos do Brasil, aproveitou o fragmento de Alencar nos «Trechos Seletos» (2.ª ed., 1935, «Civilização Brasileira», Rio), a mais erudita das antologias portuguesas, mas corrigiu *precipitava* em *precipitava-se,* declarando-o honestamente em nota. Foi um inexplicável engano, em mestre de tão subido valor. Estudo cabalmente a questão na «Linguagem da Academia Cearense». Mas quero deixar consignados aquí os dois seguintes passos:

«Jerónimo *recolhe* ao seu cubículo, talvez no sopé duma colina ilustre, que, sôbre edifícios miseráveis, recorta a sua negra sombra de palácios tristes e templos esquecidos.»—Teixeira de Pascoais: «São Jerónimo e a Trovoada», p. 35; 1936, Lelo, Pôrto.

«Chico Tristeza (quem não se lembra dele?) ainda menino *engajou* num cargueiro alemão.»—Jorge Amado: «Mar Morto», pg. 56-7; 1936, José Olímpio, Rio.

e vivo assim todo o tempo,
com alegria e folgança.

Borboleta dos amores, etc.

Eu sou linda borboleta,
vivo de ar e de luz ..
Tenho grandes asas verdes,
não quero asas azues!

Borboleta etc.

Eu sou linda borboleta,
Delicada e feiticeira;
ando por estas paragens
procurando quem me queira.

Borboleta etc.

Variantes: *Venha pra fora do rosal. Para ouvir um belo canto.—Saia fora do rosal.* Vulgarismo procedente do português arcaico, em que eram de uso constante êsses pleonasmos. — *Noite de Natal,* a de 24 de Dezembro. Diz-se mais *noite de festa(s),* conquanto se considerem *festas* desde a véspera do Natal até o dia dos Reis Magos. Na linguagem comum, diz-se *dia de Natal,* mas *no Natal, pelo Natal.* — *Com alegria e folgança.* Exemplo edificante de dois termos que pedem regência diversa subordinados ambos à regência do primeiro. A linguagem estritamente gramatical pedia *com alegria e em folgança* ou, com leve alteração de sentido, *em alegria e folgança.* — *De ar.* E' necessário proferir claramente *di ar,* em duas sílabas. E' a métrica arcaica.— *Quero asas =kéru-ázaz* (quatro sílabas). — *Luz, azues.* Rima perfeita para a maioria dos brasileiros. Adotada já pelos poetas, desde o meigo e genial Casimiro de Abreu *(nús* e *azues* na poesia «Meus oito anos») até os mais exigentes poetas modernos, como, entre nós, Cruz Filho. — *Asas verdes.* A borboleta tem a cor verde, aquela que o simbolismo da alma humana atribue à esperança *(eu sou linda borboleta, verde, da cor da esperança)* e, por isso, não quer *asas azues,* seja em-

bora o azul a cor do céu. — *Delicada.* Está no sentido primitivo de *branda, meiga,* mais aproximado do latim.

A LEITEIRA

Sou leiteira,
sou leiteira, vendo leite
na cidade,
na cidade de Lisboa.
Todos gostam,
todos gostam da leiteira,
que a leiteira,
que a leiteira é coisa boa!

Bota aquí,
bota aquí o teu pèzinho,
bem aquí,
bem aquí juntim do meu.
Ao tirar,
ao tirar o teu pèzinho,
um abraço,
um abraço e um beijinho!

O falar em *Lisboa* mostra a origem lusitana da canção, o que é até regra geral. — *Bota aquí. Põe aquí, coloca aquí.* Esta significação, que é clássica, vê-se pelo NOVO DICCIONÁRIO, de Cándido de Figueiredo, que já não é vigente em Portugal. Lá, o verbo significa *atirar, deitar, lançar fora, repelir.* No Brasil, assumiu mais o valor de *expelir ovos* (em referéncia à ave), concorrendo assim com *pôr* ainda nesse sentido especializado. Daí, *botadeira,* a par de *poedeira.* Observe-se a respeito desta última palavra que a pronúncia que tem no Ceará é *pôi-dei-ra,* mais um elemento para provar que, nos tempos da colonização do Brasil, as vogais átonas *o* e *e* estavam começando a obscurecer-se, não tendo ainda revestido o timbre que hoje apresentam em Portugal. O verbo *poer,* proferido *pô-êr* (o *o* latino é longo), deu o nome adjetivo *pô-ê-dei-ra,* que depois se pro-

nunciou *pô-e-dei-ra* (já obscuro o *e* átono), donde o nosso *pôi-dei-ra*, por intermédio de *pô-i-dei-ra*. A pronúncia lusitana evolveu noutro sentido, obscurecendo apenas o *o* e o *e* átonos. Outra palavra em que se pode surpreender o timbre antigo da vogal pretónica é *joelho*. O étimo latino postula a pronúncia inicial *gen-ôlho*. Depois, por acomodação da primeira à segunda vogal, que era tónica e por isso predominante na palavra, senão pela desnasalação mesma da vogal e conservação do timbre, *gen-ôlho* passou a *gêôlho*, donde *jôêlho* (metátese) e o atual *joelho*, com *o* obscurecido. Sem a prosódia *gêôlho* é absolutamente inexplicável a prosódia atual, que era já a dos tempos da colonização. — *Juntim*, por *juntinho*. *Im* é forma popular, infantil e afetiva de *inho*. Em palavras como *camarim* aparece por influéncia estrangeira. O Dr. António de Vasconcelos, na sua gramática, consigna o diminutivo *valezim*, por *valezinho*. *Rolim* (peixe-roda) não é mais do que um diminutivo de *rôlo* (cilindro). — *Pèzinho*, *beijinho*. A canção é constituída por duas quadras, repetindo-se sempre as três primeiras sílabas de cada verso, ou, antes, destacando-se, para formar verso à parte. Assim sendo, o natural é a rima do segundo verso de cada quadra com o quarto, o que se nos exemplifica na primeira, onde rimam *Lisboa* e *boa*. Na segunda, porém, a rima se deu entre os dois últimos versos. E' que esta quadra está profundamente alterada, como vamos ver.

A ROLINHA

Olha a rolinha
doce, doce ela voou,
doce, doce caíu no laço,
doce, doce embaraçou!

Põe aquí, põe aquí o teu pèzinho,
bem aquí, bem aquí junto do meu;
ao virar, ao virar o teu pèzinho,
um abraço e um beijinho te dou eu!

Olha o rolinha
doce, doce ela voou,
doce, doce caíu no laço,
doce, doce embaraçou!

Variantes: *Ao virar, ao virar do teu pèzinho; ao tirar, ao tirar o teu pèzinho. Um abraço, um abraço te dou eu. — Rolinha.* Não é diminutivo; mas positivo, como *passarinho* e *pombinha. — Olha a rolinha* etc. Menos vezes, também cantam a estrofe como uma oitava quadrissilábica:

Olha a rolinha,
senhor, senhor!
Ela voou,
senhor, senhor!
Caíu no laço,
senhor, senhor!
Embaraçou,
senhor, senhor!

E o sr. Gustavo Barroso, na TERRA DE SOL (3.ª ed., p. 218), consigna:

—«A rôlinha, dôce, dôce,
Caiu no lâço, embaraçou-se...»

A sintaxe dessas duas variantes é mais regular e correta do que a que oferece o texto, por mim preferido por ser mais geral. De feito, *olha a rolinha ela voou,* que, pela inflexão dada aos versos, equivale a *olha que a rolinha voou,* não se explica tão fàcilmente. Temos ainda aí, provàvelmente, um caso de sintaxe fonética (estudo para o qual já mais de uma vez chamei a atenção dos estudiosos), devido à mudança de ritmo, que transformou o primeiro verso, de período à parte, naturalmente exclamativo, como na oitava da variante, em membro inicial de outro período. O demonstrativo *ela* é com certeza original, apesar da versão do Sr. Gustavo Barroso, vem desde os princípios da canção; mas, com a modificação posterior, passou a sujeito pleonástico de *voou,* em concomitância com *rolinha:* caso que, a final de contas, se igualha ao da «Viüvinha». — *Doce, doce.*

O adjetivo está em função adverbial. Repetição intensiva. — *Embaraçou.* Por *embaraçou-se,* como o *escondesse* de «D. Cãida». — *Põe aquí,* etc. Essa quadra, e não a da «Leiteira», é certamente a primitiva, o que se prova pela presença do verbo *pôr,* pelo advérbio *junto* (e não *juntim),* pelo infinitivo *virar* (cujo sujeito é *pèzinho),* o qual foi na «Leiteira», como até numa variante da «Rolinha», substituído por *tirar,* que permaneceu inflexivo a despeito de passar a ter o sujeito *tu,* e, principalmente, pelo último verso—*um abraço e um beijinho te dou eu* ou *um abraço, um abraço te dou eu*—, a rimar com o segundo, rima que é a tradicional e popular.

OS OLHOS TRAVESSOS

Não vás pela areia,
não corras assim.
Morena, onde vais?
Tem pena de mim!

Morena, morena,
teus olhos travessos
são finos rubins,
são dois endereços!

Não vás pela areia, etc.

Morena, morena,
de olhos brilhantes,
teus olhos faceiros
são dois diamantes!

Não vás pela areia, etc.

Variantes: *Não vá pela areia. Nem corras assim.* — *Vá, corras.* Tratamento promíscuo de *tu* e *você,* trivial no seio do povo. Quero crer, entretanto, que a forma verbal *corras* se manteve, ao lado de *vá,* apenas para evitar o hiato, ou, usando talvez de linguagem mais científica,—que não se alterou por começar em vogal a palavra seguinte, o que prestigiou o *s.* — *Travessos.* Estamos longe dos *oculi trans-*

versi dos latinos. O verbo *transverto* ou *traverto* significava, *inter alia, desviar, apartar.* Daí, as significações figuradas de *travêsso* em português: o menino *travêsso* está *desviado* das boas normas de procedimento, de educação. Mas o menino *travêsso* é irrequieto, é vivo, é alegre, é ardente. Por isso, *olhos travessos*, que etimològicamente diria *olhos vesgos,* diz *olhos vivos, brilhantes, maliciosos. — Endereços.* Os olhos travessos da morena são dois endereços ao seu coração. E' uma linda figura, nunca assaz louvada num poeta que tivesse a felicidade de encontrá-la. Mas, na ciranda, resultou claramente de uma atração homonímica, como *vagamundo* por *vagabundo.* O original tinha *adereços,* que vemos nas CANÇÕES POPULARES DO BRAZIL, do casal Brito Mendes, p. 162, e significa *adornos, enfeites.* E', porém, desconhecido do nosso povo, que o substituiu por *enderêço,* palavra de seu pleno conhecimento. — *Faceiros.* E' adjetivo usadíssimo no Ceará: *vistoso, garrido, garboso, elegante, taful.* Com tal valor é considerado brasileirismo por Cándido de Figueiredo no verbete *faceira.* Entretanto, contradiz-se, em parte, logo seis palavras adiante, no verbete *faceiro.* No seio do povo português, assumiu também o valor de *simplório, patarata.* E' português clássico, mau grado de Cándido de Figueiredo.

A FEIA

Cabeça grande,
cheia de caspa,
só tira argueiro
quando se raspa.

E ela é tão feia
e vive contente!...
Parece o diabo
em figura de gente!

Boca grande,
Dentes cumpridos,
cheios de sopa,
porém caídos.

E ela é tão feia etc.

Braços curtos,
de orangotango,
pernas cumpridas,
de frango... frango...

E ela é tão feia etc.

Variantes: *Caspra. Só tira argueiros, os argueiros. Dentes compridos. Pernas compridas.— Argueiro.* Deve referir-se à sujidade do corpo desasseado. Não pus vírgula nessa palavra por que o sentido é que a pobre feia, quando se *raspa,* de suja, só consegue tirar *argueiros,* e, não—que ela se deixa ficar com êles, tirando-os tão sòmente quando se *raspa.* — *Raspar-se.* Esfregar-se violentamente ao tomar banho. Quando um popular amante da limpeza vê um filho sujo, diz-lhe, ameaçador:—Vá tomar banho e raspar-se com um caco de telha! — *Cumprido.* Comprido. Só registei essa grafia para mostrar a indistinção que popularmente há entre *cumprir* e *comprir,* bem como entre os seus derivados. Se não fôsse isso, preferiria a grafia da variante, acorde com a distinção estabelecida, por que a sílaba inicial *com* tem mais geralmente a pronúncia *cum* no domínio do português.— *Sopa.* Aquí, *alimento, comida.* Extensão de sentido. —*Porém caídos. Porém=por isso.* A palavra está com o valor primitivo, resultante do étimo latino, *pro inde.* Os dentes da pobrezinha eram mal tratados, cheios de alimento e, por isso mesmo, *caídos,* isto é: quebrados. — *Caspra.* Igual a *bonecra,* por *boneca.*

CONSTANÇA

Constança, minha Constança,
Constança, meu bem-querer,
eu choro, mais não me farto,
chorei, mais não me fartei.

Os cabelos de Constança
são louros e cacheados;

quando ela mete o pente,
abala toda a cidade.

—No meio de tantas flôres,
Não sei qual escolherei...
Aquela que for meu gôsto,
com essa me abraçarei!

Variante: *Constança, meu bem, Constança.* A canção registada por D. Alexina como vigente em S.-Paulo e Minas é a seguinte (1):

O' Constancia, não me deixes;
Que eu nunca te deixarei;
Num jardim de tantas flôres,
Uma só escolherei;
Si essa não for do meu gosto,
Com outra me abraçarei.

Logo se vê que é uma variante, bem alterada, da nossa ciranda. A versão de Figueiredo Pimentel só tem de comum com a nossa o primeiro verso e está fundida com o *Dominé*, para êle *dominó.*— *Constança* ou *Constáncia,* quer como nome comum, quer como nome próprio. Mas *Constança,* comum, arcaïzou-se, sendo preferido a *Constáncia* como próprio. — *Bem-querer,* amor. No português arcaico, e clássico, era trivial a substantivação de infinitos, puros ou determinados pelos advérbios *bem* ou *mal.* Examine-se *bem-dizer,* louvor, *bem-fazer,* benefício, e o mesmo *bem-estar,* confôrto, que os puristas, inconsideradamente, como quase sempre, viltaram de galicismo (2).— *Mais.* Em função conjuntiva. Nesta ci-

---

(1)—«Os Nossos Brinquedos», p. 52.

(2)—E' conveniente notar que não me refiro à substantivação comum do infinitivo. Não teria, então, deixado passar um caso interessantíssimo, como êste, de escritor elegante, erudito e de estilo caprichoso e original: «Té que o branco achara, lá estava ainda o roteiro de sua estada, estavam os restos seculares de seus forjamentos, as peças de *seu fasionar metais,* os caracteres mal-traçados de seu nome, tudo como um mogno para todos os tempos, numa affirmativa muda e indestructivel de que por ali passara elle certa vez.»—Afonso Costa: "As Minas de Prata de Roberio Dias", p. 16; 1915, "Livraria Economica", Baía.

randa, parece ter-se dado o encistamento de *mais,* pois que, nela, nunca ouví *mas,* nem esta forma se vê em nenhuma das cópias fornecidas pelas minhas colaboradoras. — *Quando ela mete o pente.* Já se sabe que nos cabelos; por isso, não vem o complemento, que a linguagem literária não dispensaria. — *No meio de tantas flôres,* etc. Esta quadra, com leve diferença, aparece também na «Morena». — *Aquela que for meu gôsto.* Na «Morena», *aquela que for mais bela.* Na versão de D. Alexina, *si essa não for do meu gosto.* A regéncia do texto é a menos regular, mas longe está de incorreta. Literàriamente, seria até, pelo contrário, um giro sintático um tanto ousado e denunciador de arte esmerada e feliz.

O CARANGUEJO

Caranguejo não é peixe.
Caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré!

Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré!

A mulher do caranguejo
tinha um caranguejinho:
deu no ouro, deu na prata,
ficou todo douradinho!

Palma, palma, palma!
Etc.

A canção é mais amiüdadamente cantada só com a primeira quadra, e o estribilho, que tem ainda esta forma:

Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
Façam roda, minha gente:
caranguejo peixe é!

D. Alexina dá duas versões, a segunda («Os n. brinq.», p. 54) sincretizada com outra canção e portanto mais alongada da nossa do que a primeira (p. 9). —*Caranguejo só é peixe na enchente da maré.* O caranguejo é um crustáceo que vive nos mangues, cobertos de agua salgada por ocasião da prea-mar. Então, êle é peixe, diz irònicamente a ciranda, por que, como o peixe, está na agua. D. Alexina consigna—*caranguejo não é peixe na vasante da maré*—, o que, a final, vem a dizer o mesmo. —*A mulher do caranguejo. Caranguejo* está personificado; daí, *a mulher,* ao envés de *a fêmea.* E' o que se vê constantemente nas histórias-de-trancoso: *o marido da raposa, a mulher do papagaio,* etc. — *Um caranguejinho.* Um filhote de caranguejo. Os filhotes são comumente designados pelos diminutivos da forma genérica que se usa para designar o indivíduo do reino animal.— *Deu no ouro, deu na prata.* O caranguejo novo bateu no ouro e na prata, foi de encontro a êles. O verbo *dar* tem sentidos variados e interessantes, para alguns dos quais tenho chamado a atenção dos estudiosos. E' ainda de notar a coordenação *(deu)*, em vez da subordinação *(que deu).* — *Douradinho.* Diminutivo intensivo. — *Façam roda, minha gente.* O plural *façam* em referéncia ao singular *gente.* Sintaxe ainda clássica, vigente em Camões. E' popular em todo o domínio da lingua portuguesa.